

ESTÉTICA: IDEAL DE JUVENTUDE DA TERCEIRA IDADE

2008

Paulo Roberto Cardoso Pereira Júnior
juniorcamamu@hotmail.com

Tatiana Pereira Boureau
tatiboureau@hotmail.com

Raimundo Francisco Frank Ribeiro
frank.ribeiro@terra.com.br

Graduandos do curso de Psicologia da UNIJORGE (Brasil)

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar como se dão as relações de busca da beleza perfeita na terceira idade, analisando a estética a partir das cirurgias plásticas. Para Tanto, realizamos um recorte sistêmico para a produção deste trabalho devido à exigüidade do tempo e não querendo nos perder na estruturação didática e metodológica. Focamos apenas gênero e faixa etária. O que não significa dizer que as considerações aqui apresentadas pertençam exclusivamente a este recorte. Quando trabalhamos, por exemplo, a questão da motivação que levam as mulheres a realizar cirurgias plásticas: o rejuvenescimento que, por sua vez, leva um aumento da auto-estima, contemplando toda a pessoa que se submete a uma cirurgia plástica e que independe de gênero ou faixa etária. Para o desenvolvimento desse trabalho, foi realizada uma revisão na literatura.

Palavras-chave: Juventude, terceira idade, idoso

O conceito de velhice

O conceito de velhice parece ser algo que está vinculado ao aspecto cronológico. Desta forma, alguém é velho quando atinge a faixa etária de 60 anos de idade. Todavia, para Goldfarb (1998), o fato de ser jovem ou velho é algo que passa a torna-se incerto a partir do momento que

se observa que as noções de juventude e velhice têm sofrido profundas transformações ao longo do tempo. Diz a referida autora “a dificuldade principal para categorizar a velhice em que ela não é unicamente um estado, mas um constante sempre inacabado processo de subjetivação”. (Goldfarb, 1998, p. 23) E mais: “assim, podemos dizer que na maior parte do tempo não existe um ‘velho’, mas um ‘ser em envelhecimento’”. Isto se justifica pelo fato de ser velho é uma questão de perspectiva a partir da contraposição cronológica dos sujeitos envolvidos no discurso. Desta maneira, quando temos 5 anos, o velho tem 30, quando atingimos os 40 anos, o velho não pode ter menos de 70 anos. E quando estamos com 80 anos, o velho é sempre o outro.

De acordo com Bela da Fonte (2006), “a velhice, historicamente enfocada como um fenômeno relativo ao processo físico e restrito á esfera familiar ou privada”, vem tornando-se “uma questão central nos debates sobre o planejamento das políticas publicas”. Isto se dá pelo fato de que “o aumento quantitativo deste grupo, transforma o envelhecimento numa questão social, tornando-se um dos principais desafios políticos para o século XXI”.

A idéia de que ao idoso só restava à morte vem, aos poucos e efetivamente, sendo suplantado, ao tempo que surge uma nova postura, ainda que tímida, da sociedade e dos órgãos públicos.

A organização mundial de saúde (OMS) define o idoso a pessoa maior de 60 anos. No Brasil, a lei 2.528, de 19 de outubro de 2006, aprova a política nacional de saúde da pessoa idosa, que tem por finalidade: “recuperar, manter e promover a autonomia e a independência dos indivíduos idosos, direcionando medidas coletivas e individuais de saúde para esse fim, em consonância com os princípios e diretrizes do sistema único de saúde. É alvo dessa política todo cidadão e cidadã brasileiros com 60 anos ou mais de idade”.

O ser em envelhecimento

Esta mudança conceitual tem modificado a forma de se tratar o idoso. Hoje, podemos ver o idoso como um sujeito dentro do processo de transformação, com possibilidades de novas descobertas e aprendizagens. A pessoa da terceira idade não é mais aquela que ficava sentado na porta da casa esperando o tempo passar. Atualmente, com as variedades de atividades e programas para pessoas com mais de sessenta anos, faz-se com que os sujeitos desta faixa etária mantenham-se em atividades que englobam uma serie de itens. As universidades da terceira idade, por exemplo, é uma destas iniciativas que parecem serem bem sucedidas.

O que a cirurgia plástica pode fazer?

Para Collucci (2006), a cirurgia plástica é uma cirurgia como outra qualquer. Uma pessoa com idade por volta dos 60 anos por mais que estejam enquadradas no contexto de qualidade de vida, assistências sociais, psicológicas e estrutura econômica, as mudanças fisiológicas são inevitáveis.

Os especialistas em cirurgias plásticas falam da necessidade de uma avaliação cuidadosa como se faz em qualquer outra cirurgia em pessoas de outras faixas etárias. Todavia, o alerta dos especialistas é que após os 70 anos, os riscos de uma cirurgia se tornam bem maiores. Para Collucci (2006), “antes do procedimento, o idoso deve ser cuidadosamente examinado e avisado sobre os riscos. Em decorrência do desgaste que as células sofrem com o tempo, a pessoa pode apresentar problemas ocultos, como acúmulo de gorduras nos vasos, que pode ser fatal durante uma obstrução”. (p. 1)

Segundo Dra. Deusa, com o passar do tempo, a estrutura cutânea se modifica, as células ficam escassas e as fibras de colágeno diminuem. A consequência disso são tecidos mais finos. “O que a plástica pode fazer é retirar o excesso e esticar a pele, mas não muda sua estrutura interna, como se acredita”. (Rodrigues, 2006, p. 1)

Motivação para realização de cirurgia plástica em idosos

O que motiva uma pessoa acima dos 60 anos a procurar cirurgia plástica? Esta é uma pergunta básica no atual contexto onde atualmente tem se dado uma ênfase a questão da juventude. Para Vianna, na cultura de massa das sociedades capitalistas a juventude tem primazia e funciona como uma espécie de “palavra mágica”, que se evoca um estado de espírito e físico ideal. Trata-se de uma identidade social comunicada e reconhecida na medida em que os indivíduos consomem os signos-produtos da indústria da juventude”. (Vianna, 1992) Ainda para a referida autora, a questão da juventude deve ser definida sob duas perspectivas:

Obrigações e integração social dos indivíduos: juventude é uma fase de transição entre a não responsabilidade social (infância) e a responsabilidade social plena (adultos). Necessidades existenciais das massas: juventude é considerada como um “complexo de representações da mídia, cujos signos e símbolos são manipulados no domínio do consumo e introjetados por cada pessoa”. O individuo permanecerá eternamente jovem desde que atrelado a este modo de viver idealizado a partir do jovem. “Juventude, então, significa uma ‘idade mídia’, isto é: uma categoria trans-etária, incorporada pela cultura de massa como mito da eterna juventude”.

Isto equivale dizer que houve um deslocamento conceitual quando a juventude, e, conseqüentemente, quanto a velhice. Segundo Edgard Morin (apud Vianna, 1992), nas primeiras

culturas de massa o que é importante não é mais a “experiência acumulada, mas a adesão ao movimento emplacado pela lógica posta, ou seja, a idéia da eterna juventude”.

Alguns fatores sócio-culturais vêm contribuindo significativamente para esta mudança conceitual. Porque houve esse deslocamento conceitual. Parece que foi devido a taxa de sobrevivência no grupo de idosos aumentou enormemente. Para Neri (2004):

O envelhecimento populacional é caracterizado por declínio da mortalidade infantil, por diminuição de mortes de adultos por doenças infecciosas e pelo declínio das taxas de natalidade.

Observa-se que os aspectos culturais são determinantes para indicar se uma população está envelhecendo ou não. Diante disso, escolher realizar cirurgias plásticas também vai depender da cultura que direta ou indiretamente vai reger os padrões da cultura, sugerindo qual o ideal de estética adequado, para por fim, padronizar esse ideal.

Considerações finais

Tentou-se neste artigo descrever como se dão as relações de busca pelo ideal de beleza na terceira idade. Idade esta que a sociedade a chama de velhice. Tal ideal de busca pela estética foi analisado a partir da busca do recurso através das cirurgias plásticas.

Entretanto, a importância deste trabalho se dá do fato de que a principal motivação que levam as mulheres na terceira idade a procurar cirurgias plásticas é a busca do rejuvenescimento, que por sua vez, produz auto-estima nas pessoas que fazem independente de gênero e faixa etária.

Portanto, este estudo atende aquilo em que ele se propôs responder, contribuindo para o crescimento dos seus produtores, dando uma perspectiva mais crítica a seus autores, porém, ainda faltam ser realizados vários trabalhos nesta área pois este tema é novo e pouco explorado.

REFERÊNCIAS

Fonte, I. Belo Da. Diretrizes internacionais para o envelhecimento e suas conseqüências no conceito de velhice. Disponível em < [HTTP:WWW.abep.nepo.unicamp.br](http://WWW.abep.nepo.unicamp.br)>. Acesso em 18 de novembro de 2006.

Goldfard, D. C. Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998.

Neri, A. L. Contribuições da psicologia ao estudo e á intervenção no campo da velhice. Passo Fundo, 2004.

Vianna, L. C. R. A idade média: uma reflexão sobre o mito da juventude na cultura de massa. Brasília, 1992.

Collucci, C. Avaliação clinica de idosas é pré-requisito para operação. Disponível em <[HTTP:WWW.abep.nepo.unicamp.br](http://WWW.abep.nepo.unicamp.br)>.